

A instabilidade temporal do contexto e a verdade

poética:

para entender o jornalismo em quadrinhos¹

The temporal instability of the context and the poetic

truth: understanding comics journalism

Júlio César Rocha Conceição²

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

Rennan Lanna Martins Mafra³

Universidade Federal de Viçosa (UFV)



10.11606/2316-9877.2023.v11.e206340

Resumo

Mira-se a identificação de interfaces entre os processos jornalísticos mobilizados no contexto das histórias em quadrinhos e movimentos narrativos realizados na abordagem de temas sobre passados, com vistas a produzir uma possível leitura sobre a presença do jornalismo em quadrinhos na contemporaneidade. Como escopo teórico, o texto busca situar o jornalismo em quadrinhos como materialidade impulsionada não pelo gesto factual da abordagem de um presente instantâneo, mas pela expressão da instabilidade temporal de um contexto evocado (LEAL e CARVALHO, 2017), então atravessado, enquanto textualidade midiática (ANTUNES, MAFRA E JAUREGUI, 2018), pela motivação de uma verdade poética (RANGEL, 2021). Como metodologia, utiliza-se a proposta da análise estética de Gumbrecht (2010, 2021) para investigação do *corpus*, constituído pela reportagem em quadrinhos *Raul* (MAIO, 2018). Como principais resultados, percebemos que a instabilidade temporal dos contextos presentes em *Raul* torna o jornalismo em quadrinhos um campo de interpelação de ações cotidianas

¹ O artigo apresenta resultados de pesquisa realizada com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

² Doutorando em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor dos cursos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG- Unidade Frutal). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). E-mails: julio.rocha@estudante.ufjf.br, julio.conceicao@uemg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2518-8324>.

³ Graduado em Comunicação Social, habilitação Relações Públicas. Mestre e Doutor em Comunicação, na área de concentração Comunicação e Sociabilidade Contemporânea, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Docente efetivo do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Credenciado junto aos Programas de Pós-graduação em Educação (PPGE) da UFV e em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: rennan.mafra@ufv.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9078-5475>.

tangidas a partir de passados, presentes e futuros, em meio aos quais uma verdade poética produzida pelas lógicas das narrativas promove articulações e rearticulações temporais de modo constante e distinto de lógicas jornalísticas pautadas por uma verdade historiográfica positivista.

Palavras-chave: Jornalismo em quadrinhos. Verdade poética. Instabilidade temporal. Análise estética. Presença.

Abstract

Aims to identify interfaces between the journalistic processes mobilized in the context of comics and narrative movements carried out in the approach of themes about the past, with a view to producing a possible reading about the presence of comics journalism in contemporary times. As its theoretical scope, the text seeks to situate comics journalism as the materiality driven not by the factual gesture of approaching an instantaneous present, but by the expression of the temporal instability of an evoked context (LEAL and CARVALHO, 2017), then crossed, as media textuality (ANTUNES, MAFRA E JAUREGUI, 2018), by the motivation of a poetic truth (RANGEL, 2021). As a methodology, Gumbrecht's (2010, 2021) proposal of aesthetic analysis is used to investigate the corpus, constituted by the graphic novel *Raul* (MAIO, 2018). As main results, it is perceived that the temporal instability of the contexts present in *Raul* makes comics journalism a field of interpellation of everyday actions taken from the past, present and future, amid which a poetic truth produced by the logic of the narratives promotes articulations and temporal rearticulations in a constant and distinct way regarding the journalistic logic, guided by a positivist historiographical truth.

Keywords: Comics journalism. Poetic truth. Temporal instability. Aesthetic analysis. Presence.

Introdução

Na reportagem em quadrinhos *Raul*, Alexandre de Maio (2018) reconstrói a trajetória de Rafa (nome fictício), que escolheu a vida do crime sem abandonar o sonho de ser famoso. Rafa cresceu na Baixada do Glicério, região central de São Paulo, e teve contato com o crime desde criança. Depois de cometer alguns assaltos e de quase ser morto pela polícia, resolveu correr menos riscos e ganhar mais dinheiro. Tornou-se, então, um “raul” (expressão da periferia referente aos criminosos que aplicam golpes de cartão dentro das agências bancárias). Com a ajuda de um conhecido, gravou um disco e trocou os golpes bancários pela música.

A partir dessa breve sinopse, podemos dizer que a emergência de um campo narrativo constituído por uma interface entre práticas jornalísticas e histórias em quadrinhos se apresenta como principal motivador deste artigo. Reportagens em

quadrinhos como *Raul* têm aparecido nos contextos contemporâneos e anunciam não apenas a constituição de um mercado editorial e de públicos leitores específicos; mas, acima de tudo, revelam a presença de atmosferas jornalísticas hodiernas, mobilizadas por linguagens e lógicas das histórias em quadrinhos. Dessa forma, tal fenômeno torna-se instigante a uma problematização acerca das interfaces entre os processos jornalísticos mobilizados no contexto das histórias em quadrinhos e movimentos historiográficos realizados no impulsionamento de temas e de narrativas sobre passados - gesto que, de algum modo, modifica a clássica motivação factual jornalística, até então ancorada na possibilidade de narrar a inscrição de acontecimentos no presente mesmo em que uma determinada reportagem é produzida.

Os estudos sobre jornalismo em quadrinhos têm anunciado um conjunto promissor de interesses investigativos, tendo em vista sua emergência pública como fenômeno midiático, sobretudo nos últimos anos. Assim, apresentamos uma concisa ilustração de pesquisas sobre a temática do jornalismo em quadrinhos, das quais destacamos certos aspectos capazes de realçar os contextos tratados nesses estudos. Apreciamos esses exemplos de investigações como fatores indispensáveis para posicionarmos nossos leitores em direção ao objetivo e aos contextos de nosso estudo.

De acordo com Laura Sanábio (2020), o jornalismo em quadrinhos vem ganhando espaço nos últimos anos. Em sua pesquisa, *O jornalismo em quadrinhos no contexto da comunicação digital*, a autora busca problematizar as seguintes questões: onde se encaixa o jornalismo em quadrinhos nesse contexto em que todos respondem sem demora e alguns prazos são abolidos? De que maneira um material que exige um leitor contemplativo consegue ultrapassar as barreiras dos poucos caracteres e conquistar cada vez mais adeptos? Já Medeiros e Gomes (2013) em *Jornalismo em quadrinhos na Revista Fórum: nova prática jornalística no Brasil*, afirmam que as transformações que o jornalismo sofreu não implicaram apenas na apresentação do seu texto noticioso, mas, a partir disso, começaram a aparecer novos gêneros, ou seja, novas formas que o jornalista busca para se expressar, definidos no estilo, na língua, na utilização de novos recursos que ajudam no relato da informação. Os autores analisaram certas edições da *Revista Fórum*, em que foram publicadas reportagens em quadrinhos, considerando o aspecto social das pautas abordadas e a linguagem

utilizada para reportar a informação. Na pesquisa *A reportagem em quadrinhos como recurso jornalístico*, Fontoura e Kondlatsch (2021, p. 53), explicitam que, no percurso do tempo, o jornalismo passou por diversas reinvenções, adaptando-se a diferentes meios, linguagens e veículos de comunicação. Dentro deste contexto, surgiu o jornalismo em quadrinhos, visto como um método que se apropria de um elemento cultural ficcional e ilustrativo para oferecer histórias construídas por meio de critérios jornalísticos e apuração precisa. Desse modo, o que começou apenas com publicações impressas acabou acompanhando o surgimento das novas plataformas. Por fim, citamos o trabalho de Faria e Falco (2015, p. 01), que apresentam, em *Reportagem investigativa em quadrinhos: o caso da Agência Pública*, como a prática do jornalismo em quadrinhos tem sido desenvolvida para a fomentação do jornalismo investigativo. Para isto, realizaram uma abordagem sobre a aplicação das reportagens em quadrinhos, como se dá o processo e como estas se apresentam. As autoras destacam as potencialidades desse novo gênero para o fazer jornalístico contemporâneo, que reclama informação, imagem, contexto e interpretação, e afirmam que, na utilização dos quadrinhos como reportagem investigativa, é possível apresentar todos os detalhes da apuração jornalística.

Nessas investigações, os pesquisadores ora destacam o contexto de abolição dos prazos de finalização da reportagem utilizando poucos caracteres e muitas ilustrações, ora apontam que os jornalistas se expressam por novos estilos para relatar a informação como recursos visuais que apoiam a leitura, infográficos e blocos mais enxutos de textos, como também evidenciam as potencialidades do jornalismo em quadrinhos e sua importância no campo do jornalismo hodierno, que exige cada vez mais contextualização e interpretação. Diante disso, sentimos que o jornalismo em quadrinhos é capaz de proporcionar, mediante elementos culturais, ficcionais e ilustrativos, histórias que são sintetizadas seguindo os mesmos critérios de apuração do jornalismo tradicional.

E, neste lugar, algo muito instigante nos chama a atenção: as temporalidades existentes em cada uma dessas pesquisas possuem distintas ambiências e parecem anunciar um campo narrativo revelador de contextos passados instáveis, em meio aos quais determinados aspectos de fatos históricos permaneciam ainda sem nitidez antes de serem apresentados nas linguagens da Nona Arte. Tal fenômeno é muito distinto da irresponsabilidade e

da ausência ética de revisionismos históricos - movimentos que buscam invalidar a existência de fatos inquestionáveis, e que, com pesar, também estão presentes nos contextos contemporâneos - filia-se a um movimento próprio do gesto historiográfico, conforme apontado por Walter Benjamin (1987): trata-se, como elucida Rangel (2016), da intensificação de passados, movimento experiencial presente no jornalismo em quadrinhos, a partir de abordagens e contextualizações distintas sobre um mesmo objeto, fato e acontecimento já conhecidos, embora tratados a partir de novos sintetizadores de verdades e afetações ainda enevoados.

Para isso, mobilizamos, como abordagem metodológica, a proposta epistemológica da análise estética de Gumbrecht (2010; 2021), a partir da qual tomamos o jornalismo em quadrinhos como uma materialidade da comunicação, ou seja, como um suporte semântico e material em meio ao qual emergem oscilações entre efeitos de sentido e efeitos de presença. Como será detalhado, sobretudo na seção analítica, utilizamos, como procedimento metodológico, a obra *Os poderes da filologia: dinâmica de conhecimento textual*, na qual Gumbrecht (2021) aborda movimentos possíveis de análises textuais, inspirados no campo da filologia, descritos a partir de cinco categorias específicas: 1. Identificando fragmentos, 2. Editando textos, 3. Escrevendo comentários, 4. Historicizando as coisas e 5. Ensino.

De tal sorte, este texto subdivide-se em algumas partes, para além desta seção introdutória. A seguir, no tópico *A instituição de uma verdade poética e a pobreza de experiências*, faremos uma discussão sobre o significado da verdade poética e sobre a pobreza de experiências no mundo moderno, com enfoque nos preceitos de Rangel (2021) e Benjamin (1994). Adiante, no tópico *Experiências e temporalidades dimensionais: o nosso agir no mundo*, destacamos as experiências no presente como advindas do trajeto humano e das temporalidades dimensionais de passados e futuros, discorrendo sobre o sentido de *instabilidade temporal do contexto* como um dado a ser considerado na compreensão dos processos jornalísticos contemporâneos, a partir das ponderações de Leal e Carvalho (2017).

Na sequência, o último tópico conceitual, *As textualidades e as relações temporais e de sentido*, busca tomar o jornalismo em quadrinhos como textualidade midiática que produz efeitos estéticos de sentido e de presença,

utilizando os argumentos de Barretos (2021), Abril (2012), Antunes, Mafra e Jáuregui (2018) e Leal (2018). Adiante, a seção *Uma análise estética da reportagem em quadrinhos Raul* busca compreender, a partir de tensionamentos em fragmentos da obra, inspirados no movimento metodológico proposto pela filologia de Gumbrecht (2021), como a instabilidade temporal do contexto e a verdade poética emergem como expressões do jornalismo em quadrinhos, tomado enquanto textualidade midiática. Entretanto, gostaríamos de sinalizar ao leitor que, desde o primeiro item de fundamentação teórica, já tentaremos estabelecer diálogos com a narrativa de *Raul* (MAIO, 2018), de modo a tentar antecipar encontros entre horizonte empírico e teoria, antes da demonstração explícita de fragmentos estéticos do livro, na seção analítica. Por fim, a seção *Considerações finais* retoma os argumentos propostos no texto e aponta para algumas conclusões possíveis, direcionadas às compreensões então encetadas acerca do jornalismo em quadrinhos na contemporaneidade.

1 – A instituição de uma verdade poética e a pobreza de experiências

Para os intuítos deste texto, torna-se fundamental pensar na ideia de verdade: como recurso de apreensão do factual, o jornalismo aparece como campo de abordagem do que aconteceu, a partir da mobilização de fatos objetivos, dados numa certa coletividade. Entretanto, como já apontado na introdução, chamamos a atenção o fato de que o jornalismo em quadrinhos não aparece como prova investigativa, demonstração científica, apuração (mesmo porque, os fatos já são dados, apurados e conhecidos; já fazem parte de um passado histórico reconhecido – mesmo com a presença de negacionismos). O jornalismo em quadrinhos nos parece emergir como instituidor de uma verdade (o fato) poética, a partir de inspiração no pensamento de Rangel (2016), recursos ficcionais aparecem como disposições estéticas, estas que, por meio da mobilização de uma energia sentimental (um *stimmung*, nos termos de Gumbrecht (2010)), busca produzir sentido e presença com seus leitores, atribuindo a fatos passados novas emergências, composições e intensidades.

Nossas relações com o passado podem se dar por meio da pesquisa científica, dialética, empírica, como também da estética. Rangel (2021) pondera sobre essa ocorrência, dizendo que existem temporalidades e contextos

capazes de generalizá-los e torná-los reais, produzindo presença, e faz referência ao clássico pensamento gumbrechtiano: “A presença e o sentido, porém, sempre aparecem juntos e sempre estão em tensão. É impossível compatibilizá-las ou reuni-las numa estrutura fenomênica bem equilibrada” (GUMBRECHT, 2010, p. 134). A partir disso, Rangel (2021) descreve que nossas experiências contemporâneas se dão de uma forma mais geral no que tange às relações com passados e futuros, considerando seus contextos, e é a partir dessa descrição que o autor denomina esse processo de *dupla-redução*. Podemos considerar que essa dupla-redução se alia a uma espécie de aceleração da aceleração, à quantidade de informações (presentes nas linguagens do cinema, dos jornais, das músicas, dos ambientes de trabalho, das redes sociais digitais) em circulação, fenômeno este que indica a emergência de mais hipostasias e menos de realidades.

Com o excesso de informações, pouco se faz com elas, acarretando em pobreza de experiências. De acordo com Benjamin (1994), a experiência é materializada pela tradição tanto na esfera privada quanto na pública. Ela é formada por dados frequentemente inconscientes que acodem à memória. O autor explica que a pobreza de experiência é aquela que se produz em grande escala. “Os olhos que se fecham diante desta experiência confrontam outra de natureza complementar na forma, por assim dizer, de sua reprodução espontânea” (BENJAMIN, 1994, p. 104-105).

Olgária Matos⁴ (2020) expõe que as obras de Benjamin são fragmentos que concentram o universal em épocas distintas, não apenas em relação a um presente instantâneo, mas a um presente carregado por vestígios de tudo aquilo que já foi vivido e que, de algum modo, se conserva tanto conscientemente quanto inconscientemente. A experiência, para Benjamin, possui múltiplos entendimentos: pode ser tanto experimental, no sentido das repetições e observações num laboratório, quanto resultante da identificação de caracteres, textos, personagens e imagens, pois, cada personagem é portador do instante da sua circunstância. Neste lugar, os atores são contraditórios, não são um só; por exemplo, as mudanças de

⁴ Transcrição dos autores.

atitude do protagonista de *Raul* (MAIO, 2018): ora é um criminoso, ora é um músico de sucesso, ora é um trabalhador, ora é um vagabundo.

O poético para Benjamin, de acordo com Olgária Matos (2020), tem um sentido amplo, podendo ser a experiência atravessada por parábolas, provérbios e fábulas, como também por modelos de conhecimento da tradição oral que é transmitida de geração em geração, uma vez que a transmissão dessas experiências deixa lacunas. Em *Raul* (MAIO, 2018), as ações de Rafa podem ser observadas de forma implícita ou explícita, pois, a história contada não é transmitida em sua completude; desse modo, somos acionados a preencher essas lacunas, fazendo emergir novas experiências. Matos (2020) afirma que cada nova geração renova a herança do passado, mas o problema provocado pelo fim da experiência, conforme advertido por Benjamin, provocou uma ruptura nessa cadeia de transmissão, significando que o passado não interessa mais no plano da técnica:

Segundo Proust, fica por conta do acaso se cada indivíduo adquire ou não uma imagem de si mesmo, e se pode ou não se apossar de sua própria experiência. Não é de modo algum evidente este depender do acaso. As inquietações de nossa vida interior não têm, por natureza, este caráter irremediavelmente privado. Elas só a adquirem depois que se reduziram as chances dos fatos exteriores se integrarem a nossa experiência. Os jornais constituem um dos muitos indícios de tal redução. Se fosse intenção da imprensa fazer com que o leitor incorporasse a própria experiência às informações que lhe fornece, não alcançaria seu objetivo. Seu propósito, no entanto, é o oposto, e ela o atinge. Consiste em isolar os acontecimentos do âmbito onde pudessem afetar a experiência do leitor (BENJAMIN, 1994, p. 106).

Percebemos uma simbologia do enorme fluxo de produções midiáticas, em especial as jornalísticas, de modo que o excesso de notícias produzidas em diversificados meios mais confunde do que permite pensá-las, provocando experiências incompletas nos espectadores. Consoante Benjamin (1994), o primórdio da informação jornalística, sob as caracterizações de novidade, concisão, inteligibilidade e falta de conexão entre uma notícia e outra, contribuem para esse desfecho: “a exclusão da informação do âmbito da experiência se explica ainda pelo fato de que a primeira não se integra à tradição” (BENJAMIN, 1994, p. 107).

Nesse sentido, Benjamin (1994) aponta que a modernidade nos coloca num tempo de crescente atrofia da experiência, de modo que a forma narrativa

foi trocada pela sensação efêmera da informação. De outro modo, compreendemos que a obra *Raul* (MAIO, 2018) se encontra intrínseca ao narrador, protagonista e leitor. A partir disso, percebe-se a intenção de levá-la adiante, marcando sua presença como experiências atemporais e ricas. De acordo com Olgária Matos (2020), a linguagem poética e a literatura são uma luta contra o devir do tempo para que as grandes ações memoráveis não sejam apagadas da memória coletiva. *Raul* transmite ações que são cometidas ordinariamente, e que correspondem à *poiesis*, desde a entrevista até a finalização da obra (todas as etapas), as palavras, frases, parágrafos e imagens se complementam produzindo sentido e presença, documentando acontecimentos do passado, esses que, materializados, se tornam imperecíveis: "Nela ficam impressas as marcas do narrador com os vestígios das mãos do oleiro no vaso da argila" (BENJAMIN, 1994, p. 107).

Percebemos, na atualidade, um número exagerado de produções midiáticas que, metaforicamente, se parecem com uma multidão: tantas informações circulam que, ao olharmos para o horizonte, avistamos, sem nitidez, uma paisagem que não permite a reflexão, uma experiência que dificilmente se completará num tempo de velocidades e excessos: "[...] daquele tempo infernal, em que transcorre a existência daqueles a quem nunca é permitido concluir o que foi começado [...]" (BENJAMIN, 1994, p. 129). Parte da mídia tem a preferência de propagar informações sem lhes dar profundidade. Já as plataformas de *streaming*, colocam à disposição incontáveis produções, como temporadas de séries com dezenas de episódios. Há muita oferta para ser digerida em curto tempo, dificultando o processo reflexivo do indivíduo. Neste lugar, a verdade positivista parece não ter dado conta de materializar as promessas de justiça e de produção de contextos mais humanos e livres: ao contrário, trouxe pobreza de experiências e descolamento da realidade comum.

É como demanda nova, diante da saturação informacional posta como sintoma de nosso tempo que, segundo Rangel (2021), o que está em debate, a partir da verdade poética, é a vontade de alcançar "o que não está mais propriamente visível, tratando-se da tematização do que está obscurecido, periferizado, vulnerabilizado e/ou despontando" (RANGEL, 2021, p. 20). Nos contextos de *Raul* (MAIO, 2018) por exemplo, podemos imaginar a cena do *Mappin*, rede de lojas de departamentos que foi à falência em 1999, que

representa múltiplas temporalidades e acontecimentos; assim, o narrador se amalgama ao personagem e, por conseguinte, ambos à história narrada, tornando-se auditores e testemunhas do fato, e abre-se no tempo e no correr do tempo a construção da memória que se divide em individual e coletiva.

Percebemos que o próprio narrador, Alexandre de Maio, quando amparado por palavras que escuta de Rafa e de imagens que visualiza mentalmente, se personifica na *flânerie*: “[...] refaço toda uma conversa, toda uma vida, basta-me o tom de uma voz para ligar o nome de um pecado capital ao homem com quem acabo de cruzar e cujo perfil entrevi” [...] (BENJAMIN, 1994, p. 203-204). Do mesmo modo, o próprio leitor que se aprofunda e se afasta inconscientemente, transforma-se em um novo *flâneur*: “[...] persegue pistas porque valoriza simples vestígios, que valoriza o óbvio, assim como o ócio... A cidade é a realização do antigo sonho humano do labirinto. O *flâneur*, sem o saber, persegue essa realidade [...]” (BENJAMIN, 1994, p. 202).

Diante do exposto, entendemos o significado de verdade poética como o *ir além discutindo a obviedade*, percebendo aquilo que nos envolve e que podemos envolver. Fazer e desfazer, fragmentar e desfragmentar, compor e recompor, colocar e deslocar, criar interpretações a partir da dialética, gerando outras possibilidades a partir da presença. A verdade poética é a visibilidade daquilo que, escondido, se encontra esteticamente em determinados estratos do tempo. Na observação da arte, o que nos interessa não é o que está destacado na obra, mas aquilo que está ausente: ali não há realidade estabelecida; portanto, cabe a nós criarmos essa realidade através da observação atenta do *flâneur* - gesto este que nos parece muito presente, enquanto verdade poética, no contexto do jornalismo em quadrinhos.

2 – Experiências e temporalidades dimensionais: o nosso agir no mundo

Destacamos as experiências do/no presente, advindas do trajeto humano, que são constituídas por passados, presentes e futuros: assim, permeiam nossas vidas, numa constante articulação e rearticulação com o nosso agir no mundo. Igualmente, o futuro é gestado no presente, vivido no presente e não algo a ser alcançado mais adiante: trata-se de dimensão temporal que, inevitavelmente, projeta-se e se constitui no aqui e agora. “Para além de formas já bastante

reconhecidas, como a utopia e o progresso, o futuro se inscreve no nosso cotidiano social, informando nossos contextos, de modos bem peculiares” (LEAL, CARVALHO, 2017, p. 8).

Os pesquisadores (2017), aqui evidentes lançam mão dos pressupostos de Arjun Appadurai (2013)⁵ percorrendo sobre a importância reconhecida pelo autor sobre o futuro na composição de nossas ações cotidianas: Appadurai (2013) segue buscando, por um lado, escapar das armadilhas de concepções que tomam o futuro como algo intangível ou indizível e, por outro, apreendendo-o como um fenômeno social que implica indivíduos e coletivos. Em seguida, Leal e Carvalho (2017, p. 8-9) apontam três formas do futuro identificadas por Appadurai (2013) como um fato cultural: imaginação, aspiração e antecipação, sendo tais formas capazes de organizar, condicionar e se inscrever na ação humana.

Imaginação é entendida como uma energia cotidiana, socialmente constituída e vinculada à memória, capaz de orientar processos e projetos coletivos e individuais. Os autores reconhecem, portanto, na imaginação um elemento de negociação de contínua adequação à medida que acontecimentos se sucedem, que a memória ressignifica e, conseqüentemente, projeta novos futuros. A aspiração se articula e se distingue no que lhe concerne, da esperança, vista não como uma emoção humana, mas como a capacidade de aspirar a algo – quais sejam, melhores condições de vida, o fim (ou a suavização) de situações de opressão, a superação de adversidades, etc. Seu caráter político, portanto, é ainda mais evidente que o da imaginação, mesmo quando a aspiração é conservadora (manter as coisas como estão) ou reacionária (de recuperação ou retorno a condições que se alteraram).

Em nosso entendimento, a aspiração para ser atingida deve ter uma base anterior, tal como, tudo aquilo que o indivíduo produziu ou produz através de suas ações cotidianas. Isto significa aspirar algo provável, possível de ser concretizado e não apenas imaginado. Já a antecipação está diretamente articulada ao risco, em outros termos, envolve a capacidade (em articulação com a imaginação e a aspiração) de agir no presente para construir um futuro desejável, prevendo, mesmo que parcialmente, também os perigos dessa ação,

⁵ APPADURAI, Arjun. *The future as cultural fact*. Londres: Verso, 2013.

de seus desdobramentos e imprevistos. Nenhuma antecipação pode ser pensada, portanto, sem ter o risco como sua contrapartida.

Em vista disso, inferimos que a passagem da imaginação para a aspiração e posteriormente para a antecipação, corresponde a uma intensificação de um caráter político que se desenha no horizonte social em reflexo às nossas ações e experiências que emergem no contexto de seus processos comunicacionais, em nosso caso, do jornalismo em quadrinhos.

Em conformidade com Leal e Carvalho (2017, p. 5), contexto é o mesmo que ambiente, ou seja, a inter-relação de circunstâncias que acompanham um fato ou situação. É também o texto que precede ou sucede determinada palavra, frase ou texto, contribuindo para seu significado. Os autores (2017, p. 5-6) expõem que existem três aspectos recorrentes que evidenciam os significados: 1) o caráter secundário do contexto, que, mesmo sendo imprescindível à significação, é um acompanhante, um complemento ao protagonismo do texto, da situação ou fato alvo da observação, ou análise; 2) o contexto, precedendo ou sucedendo aquilo que recebe o foco de nosso olhar, é estático, ou seja, é um estado de coisas, que, mesmo interligado, se apresentaria identificável e estabilizado quando recebe nossa atenção; e 3) esse estado de coisas, mesmo estável, tem uma sutil diversidade temporal, pois, ora é o passado (do texto, do fato, da situação), ora um presente (acompanhando-os e envolvendo seus agentes), ora é o futuro. É como se o contexto pudesse ser posto ou apreendido num certo momento da situação comunicativa, conforme as especificidades desta, ou das necessidades daqueles que buscam entendê-la. Em outras palavras, é como num *software* de edição de áudio: quando o editor está em ação, ele pode colocar o marcador no ponto desejado da gravação - no final, início ou meio; sem ordem cronológica, seleciona as partes que julga pertinentes e descarta aquelas que não são interessantes para seu trabalho. A apreensão do contexto, diante de nosso exemplo, pode ser colocada em qualquer ponto da situação comunicativa, conforme a necessidade de quem busca compreendê-la.

Leal e Carvalho (2017, p. 13) expõem que diferentes tradições de pesquisa nos informam sobre o caráter primordial do futuro em nossas ações e relações com os acontecimentos. Para isso, utilizam os conceitos de Reinhart Koselleck acerca das relações entre experiência e expectativa, segundo a lógica do espaço de experiência e do horizonte de expectativa. Os autores nos dizem

que, para Koselleck (2014)⁶, não se pode analisar em detalhes a relação mútua entre experiência e expectativa, limitando-se a dizer que ambas as extensões temporais são condicionadas reciprocamente de modos distintos. Um conhecimento histórico é preservado pela experiência e pode ser transformado apenas com rupturas em expectativa, e se não fosse dessa maneira a história simplesmente se repetiria. Assim como a memória e a esperança, as duas dimensões também apresentam *status* diferentes. Desta forma, podemos tomar as experiências que temos no decorrer de nossas vidas como base para a paisagem de expectativa que se apresenta e pode situar o presente como lugar da articulação do futuro imaginado. Destarte, o alcance do futuro, nos contextos modernos, é medido como um ideal de progresso que age em constante aceleração de um novo futuro que, "[...] em termos de avanços técnicos, quanto implica componentes ideológicos segundo os quais o progresso implica visões políticas conflitantes entre si" (LEAL, CARVALHO, 2017, p. 13-14).

Entendemos que díspares episódios podem acompanhar o fato ou a situação, de modo que esse entrecruzamento de pormenores pode anteceder ou suceder certa palavra, frase, parágrafo, discurso ou texto. No caso dos contextos levantados nesse trabalho, tais pormenores colaboraram para a análise da narrativa gráfica *Raul* (MAIO, 2018). Observamos que o contexto possui caráter secundário que completa o protagonismo do texto, assim como as ações de Raul soam como assunto principal, como os golpes em agências bancárias, os eventos narrados na história ressoam em temporalidades diacrônicas. O contexto é como uma fotografia, representação ou um recorte temporal dependente da ação realizada, essa ocorrência que, quando estabilizada, se transforma em passado, presente ou futuro. Trata-se, em suma, de uma *textualidade*, capaz de acionar o contexto retratado - e, por sua vez, o contexto de quem lê -, a partir de sua dimensão temporal instável e lacunar, sempre por se completar e se realizar, a partir de rupturas de expectativas no gesto de leitura de uma narrativa jornalística.

⁶ KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2014.

3 – As textualidades e as relações temporais e de sentido

Conforme Barretos (2021) os textos e as textualidades agem sobre o mundo e sobre as relações entre os sujeitos; eles atuam sobre o mundo e, ao mesmo tempo, são reconfigurados pelo mesmo mundo. Segundo a autora, tem-se uma ação plural, ou seja, agir e ser acionado, fazendo com que haja a emergência da experiência. “[...] A experiência dos sujeitos entre si e com o mundo é configurada por textualidades diversas” (BARRETOS, 2021, p. 115-116). De tal modo, os textos podem ser investigados a partir da sua dimensão processual, a que chamamos de textualidade.

Segundo Leal (2018, p. 23) as textualidades, enquanto processos comunicativos e pragmáticos, desestabilizam as relações temporais e de sentido que definem, a princípio, os limites e os contornos dos textos, pois um texto não é um resultado produzido pelas práticas sociais historicamente situadas, mas algo que emerge em seu desenrolar, na multimodalidade e multidimensionalidade desses processos.

De acordo com Abril (2012), nessas redes textuais são estabelecidas diversas ligações entre cada texto particular e o conjunto no qual se inserem e foram escritos. Às vezes, trata-se da relação parte/todo, como a que atribuímos à pertinência do tipo de texto a esses conjuntos, que, respectivamente, podem ser denominados verbal, visual ou ambos. O pesquisador afirma que em outras ocasiões diz respeito às relações locais/globais: “cuando a partir del texto tomado particular y separadamente se infieren sentidos diversos de los que podrían derivarse de su consideración en el interior de un corpus o agregado global” (ABRIL, 2012, p. 17).

O texto de *Raul* (MAIO, 2018) não se inicia na primeira e não termina na última página da narrativa. Podemos imaginar que, num momento antes e depois da reportagem em quadrinhos, fragmentos de tempo podem significar a não conclusão da obra como continuidade, não somente do protagonista, mas também daquilo que se destina à reflexão do leitor. Assim, podemos ir além dos contornos naturais, ou seja, daquilo que é posto ou tomado como limite submisso às ideologias institucionais enraizadas historicamente. Já uma análise presentista dos processos comunicacionais pode simplificar “[...] as complexas relações que perpassam e instituem textos e textualidades, favorecendo, como

dissemos, a perpetuação e a adoção acrítica de valores e princípios historicamente situados” (LEAL, 2018, p. 24). Dentro desse processo relacional, faz-se essencial pensarmos que um texto é uma emergência advinda de certo processo comunicacional, pois “[...] A maneira como cada um – pesquisador ou não – se integra a esse processo define por certo os modos como ele vai ser experienciado e apreendido” (LEAL, 2018, p. 24). Destarte, nossa intenção não é de perceber somente aquilo que está explícito, mas também, como afirma Barretos (2021, p. 112), “aqueles que escapam, que fazem parte do fenômeno de emergência textual”.

Se o texto, portanto, não é um dado (seja ele um *a priori* já tomado como conhecido ou um produto de um processo concluído), não apenas sua instabilidade, mas também seu caráter mediador passa a saltar aos olhos. Com isso, mesmo a qualidade dos elementos que o compõem deve merecer atenção (LEAL, 2018, p. 24).

Gonzalo Abril (2012) entende que o texto designa qualquer unidade de comunicação sustentada por alguma prática discursiva e inserida em redes textuais que podem integrar elementos, verbais e/ou visuais. O autor diz que o texto não tem algum tipo de débito originário com o texto literário: “[...] Por el contrario, su sentido etimológico de tejido o textura lo hace especialmente apto para remitir a esa “trama” de cualidades visuales en que consiste a un primer nivel de análisis el texto visual” (ABRIL, 2012, p. 16). Em *Raul* (MAIO, 2018), essas redes textuais representam o personagem Rafa quando criança, adolescente e adulto, como golpista, *rapper* e detento. Nesse tecer, as temporalidades nos fazem compreender, não somente o explícito no texto, mas também o implícito, isto é, aquele passado que emerge não está fechado como algo acabado que não pode ser modificado, já que, o futuro se faz na junção das temporalidades.

Como declarado por Leal (2018, p. 29), o texto emerge a partir do engajamento investigativo do pesquisador, pois, não é um *a priori* da natureza social, modifica-se a todo tempo, significando que o objeto a ser analisado é dependente de escolhas, pressupostos e preconceitos incorporados. Neste movimento, o autor afirma: o pesquisador é um agente da textualidade. Conforme Abril (2012) um texto não é apenas um tecido interno de qualidades e acontecimentos semióticos, e nem o momento parcial de um tecido maior, espacial,

temporal e culturalmente reconhecível: "o cuando menos inferible: un texto visual, como el texto en general, presupone la existencia de "redes textuales", pues no hay texto que no interactúe con otros" (ABRIL, Gonzalo, 2012, p. 17).

Para Antunes, Mafra e Jauregui (2018) os textos têm limites instáveis: estando sempre inscritos na experiência de apropriação e nos processos de interlocução com outros textos, eles se constituem a partir das diferentes relações que estabelecem uns com os outros e com os produtores/receptores. Em nosso caso, como pesquisamos e discutimos sobre o jornalismo em quadrinhos, podemos observar que tanto o produtor quanto o receptor possuem visões distintas sobre aquela mesma leitura: isso se dá não apenas pelo fato de que um escreve (investiga) e o outro faz a lida textual (reflete); esse processo comunicacional vai além, as temporalidades se diferem em cada momento e para cada um de nós, independentemente de sermos emissores e/ou receptores. A obra assim como o tempo está sempre aberta, de modo que a investigação e a leitura de hoje não são as mesmas de um outro momento temporal.

Sob a tutela do jornalismo em quadrinhos, a história contada em *Raul* (MAIO, 2018) pode ser relacionada com outras histórias da periferia, *rap*, crime e outras práticas sociais de leituras ordinárias. São capazes de "tecer nós de uma rede unindo as linhas dos jornais a elementos da TV, de redes sociais, romances, canções, entre outros" (ANTUNES, MAFRA, JAUREGUI, 2018, p. 39-40). Segundo esses pesquisadores, o texto se corporifica como formas de experiência em nossos próprios corpos, somos os textos, e eles "nos são": na prática, não há como separar coisa alguma. Consoante os autores (2018, p. 43), neste caso, os efeitos de presença se destacam em relação aos efeitos de sentido: "[...] O sentido passa a existir a partir da presença que se convencionou por meio das redes textuais e suas contextualizações, podendo vir antes ou depois [...]". Dessa forma, novas interpretações e experiências são geradas pelo texto, levando-se sempre em consideração a energia vital que emana de cada temporalidade, em acordo com as necessidades de produtores e consumidores; ou seja: as dimensões temporais estão presentes em todos os instantes, bastando a cada indivíduo tocá-las – gesto este que faz insurgir a emergência de experiências em determinado instante de necessidade.

O texto, finalmente, ocupa um espaço com presença, traz adiante o "aqui" e o "agora" que se transforma, a cada instante, em outro "aqui" e, em outro

“agora”, em um “lá” e um “depois” ou até mesmo num “antes”. O texto pode se materializar (fazer presença) em diversas temporalidades, em meio a um cotidiano aberto a múltiplas e inusitadas interações. Essa ideia é a base para tomar o jornalismo em quadrinhos como textualidade midiática: não são apenas peças/amontoados de conteúdos prontos, mas sim artefatos de uma experiência comum, que também produzem efeitos estéticos de presença em ambientes cotidianos nos quais há afetações.

4 – Uma análise estética da reportagem em quadrinhos *Raul*

Gumbrecht (2021, p. 25) utiliza o termo filologia como algo que se refere a uma configuração de habilidades acadêmicas voltadas para a curadoria de textos históricos. Conforme o teórico, as três práticas básicas da filologia são: identificar fragmentos, editar textos e escrever comentários históricos. O intelectual alemão nos propõe em suas reflexões que, para além destas três práticas básicas, os poderes da filologia estão inscritos sob a égide da produção de presença, na transmissão de acontecimentos passados que se materializam no fazer filológico. Assim, ao tomar os textos como materialidades da comunicação, Gumbrecht (2021) compreende que os mesmos se conformam e se comportam diferentemente sob o olhar de cada curador, pois, cada um de nós, como pesquisadores, editamos textos com vieses variados e enxergamos detalhes e fragmentos distintos.

Portanto, vislumbramos o despontar de uma emergência caracterizada como verdade poética, capaz de dar volume, corporificar e presentificar o que não se pode ver e nem mais tocar. Aquilo que é considerado óbvio tem em sua densidade o conceito de reflexão adormecido; assim, pretendemos constituir um processo dialético para que nossas observações, enquanto pesquisadores, construam e despontem novas realidades.

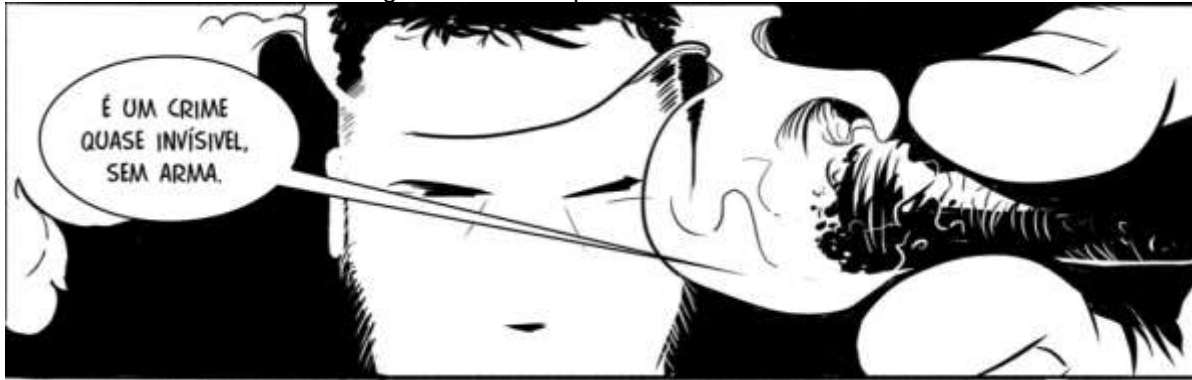
Em *Raul* (MAIO, 2018, figura 1), todos os locais onde a trajetória de vida do protagonista se passa são demarcados mediante ilustrações e textos. Na história, tem-se explicitação de datas, horários e temperaturas. Nota-se que certos termos são ilustrados a partir da linguagem comumente falada na periferia. A narrativa intercala momentos do presente, como também do passado, mas ambas temporalidades não são apresentadas cronologicamente.

Figura 1 – Capa do livro *Raul*

Fonte: Maio, 2018. Acervo dos autores.

Consoante Gumbrecht (2021), podemos compreender que fragmentos materiais de objetos antigos podem revelar a verdadeira vontade de posse e presença real. De outro modo, a edição de texto também anseia pela corporificação do próprio autor, texto e autor se confundem. Percebemos essa combinação na história contada em *Raul*: o autor se presentifica na narrativa como traço participante temporal, uma subjetividade que diz respeito à participação conjunta entre autor e protagonista. Esse aparecimento (emergência) nos quadrinhos como personagem (figura 2) é um recurso do jornalismo em quadrinhos com a potência de enriquecer e contextualizar melhor o conhecimento do fato.

Figura 2 – Autor aparece na história



Fonte: Maio, 2018, p. 81. Acervo dos autores.

Historicizar, conforme Gumbrecht (2021), possui o intuito de modificar aparatos antigos (passado) em aparatos sagrados que possam proporcionar, concomitantemente, um distanciamento e a vontade de tocá-lo. Desse modo, exige-se do pesquisador que considere o conteúdo de seu aprendizado como objeto integral, ou seja, que ainda não sofreu análise, portanto, anteriormente a qualquer tipo de exame já feito deve-se observar a matriz, a fonte. A fonte da pesquisa de Alexandre de Maio é o protagonista de sua obra (figura 3).

Figura 3 – O protagonista Raul como fonte da pesquisa



Fonte: Maio, 2018, p. 18. Acervo dos autores..

A reportagem em quadrinhos se concretizou por uma entrevista que durou dois dias intercalados. Uma história construída aos poucos, apurando, investigando, pesquisando todo o assunto e conversando com o protagonista da trama. A entrevista ocorreu num hotel, obtendo seis horas de gravação. A partir disso, Maio fez um pré-roteiro e percebeu pontos da história que precisavam de mais detalhes, assim conversou com Rafa, via WhatsApp mais duas vezes, absorvendo informações pontuais. Após a apuração, iniciou a produção do roteiro escrevendo o texto e equilibrando as imagens com as palavras.

A história de Rafa possui em sua trama particularidades da violência na periferia, como o crescimento precoce no crime, o enriquecimento em virtude dos golpes de cartões de débito e crédito, como também sua introdução e progresso na carreira musical. Maio realçou a investigação jornalística com características sobre a história do personagem e de seus desdobramentos. A narrativa contém referências da cidade de São Paulo: dentre os locais, há um quadro onde podemos visualizar o prédio do Mappin, referência no centro da capital paulista nas décadas de 1980 e 90.

Figura 4 – Ícones da arquitetura paulistana como referência visual



Fonte: Maio, 2018, p. 37.

A narrativa apresenta a experiência pública de Rafa, desde sua infância, passando pelo momento em que se torna *rapper*, até as suas entradas e saídas da prisão (figura 5). A história proporciona um ritmo potente e, ao mesmo tempo,

não soa apressada e nem demasiadamente didática, abrindo espaço para a reflexão do leitor sobre as experiências vividas pelo protagonista da trama.

Figura 5 – O protagonista na prisão



Fonte: Maio, 2018, p. 120-121. Acervo dos autores.

No âmbito das ações narradas em *Raul* (MAIO, 2018), existem temporalidades e contextos que produzem presença. Uma verdade poética que faz emergir outras interpretações, sua materialidade comunicacional fragmenta, edita e associa partes do acontecimento, resultando em novas experiências públicas. Dar visibilidade a uma história desconhecida da maior parte da sociedade é produzir presença como jornalismo. Aqui, a partir da obra *Raul*, é possível compreender como o jornalismo em quadrinhos ganha sua identidade não a partir do gesto factual da abordagem de um presente instantâneo. Nesse lugar, a própria lógica da Nona Arte parece oferecer, ao jornalismo, sua potencialidade: avista-se a instabilidade temporal de um contexto evocado, motivada por uma verdade poética que acessa os passados não apenas de Raul, personagem principal, mas de situações semelhantes às vivenciadas por ele, instituidoras de contextos públicos brasileiros e latino-americanos, marcados por dores, feridas e periferias.

Neste lugar, o jornalismo em quadrinhos parece se apresentar como um campo de interpelação de ações cotidianas, em meio às quais emergem fragmentos e lacunas temporais (passados, presentes e futuros) a serem completadas, como experiência, no gesto de leitura. As lógicas dos campos narrativos jornalísticos, pautados ainda na apuração e na tentativa de apreensão descritiva dos fatos, são atravessadas por articulações e rearticulações temporais dos quadrinhos, em meio às quais a expectativa de uma verdade historiográfica positivista é rompida a partir de uma verdade poética, produtora de novas atmosferas, sentidos e presenças, a partir do gesto de intensificação de passados instáveis, apreendidos e vislumbrados no presente.

Considerações Finais

Neste artigo, buscamos produzir uma leitura possível sobre a presença do jornalismo em quadrinhos na contemporaneidade. De tal sorte, o argumento que tentamos desenvolver neste texto, tendo como horizonte empírico a reportagem em quadrinhos *Raul* (MAIO, 2018) - tomada, metodologicamente, a partir da noção de *poderes da filologia* de Gumbrecht (2021) - buscou apontar que:

1. o jornalismo, quando atravessado por lógicas e linguagens das histórias em quadrinhos, parece mobilizar o factual não por um suposto ineditismo inscrito no fluir mesmo de um presente instantâneo, mas pela instabilidade temporal de um contexto passado, cujo interesse jornalístico advém da própria possibilidade de expressar tal instabilidade, dotando-lhe de novas significações;
2. as lógicas dessa instabilidade anunciam a expressão de um factual inscrito não por uma espécie de verdade historiográfica documentada a partir de uma história positivista, mas, de modo distinto, por uma verdade que afeta o âmbito da *poiesis* para tentar reconstituir um determinado contexto.

Com relação a esta segunda pontuação, a abordagem jornalística das situações então narradas pela Nona Arte debate fatos que não são necessariamente novos; contudo, as lógicas das histórias em quadrinhos movem tais fatos por uma verdade que é poética, a partir de expressões contidas na narrativa pela abertura de passados - estes que irão produzir afetações jornalísticas pela materialidade das histórias em quadrinhos (a partir de recursos gráficos,

tipográficos, imagéticos e semânticos). No caso do livro *Raul*, a narrativa apresenta espaços que Rafa frequentou, de modo que essa realidade é marcada graficamente sob o signo de datas, horas, ruas, prédios, lojas, agências bancárias, cidades e países. Essa função que o jornalismo em quadrinhos proporciona enriquece a experiência do leitor, contextualizando o fato com profundidade, de modo que essas temporalidades se transformam em nuances intercambiáveis. Tais ações cotidianas são tangidas a partir de passados, presentes e futuros, e que essa articulação e rearticulação é constante.

Sendo assim, em nosso trabalho, a verdade poética emerge como dado de um contemporâneo, em meio ao qual a própria verdade positivista parece ter se esgotado. Nesse lugar, nossa atenção destina-se aos elementos estéticos formadores do texto, e responsáveis por produzir oscilações entre efeitos de sentido e efeitos de presença. Muitas vezes, histórias contadas pelo jornalismo em quadrinhos apresentam dados que já conhecemos; portanto, suas capacidades de nos afetar insinuam uma *poiesis* que, conectada à própria verdade factual, provoca a emergência de atmosferas, instituindo um ambiente textual como uma espécie de corpo multidimensional que trafega nas temporalidades inscritas na sociedade. Destacam-se presenças múltiplas nos contornos de cada intertextualidade do jornalismo em quadrinhos, em seu trabalho lacunar, produtor de experiências, acionador de memórias e instituidor de presenças. Dessa forma, como textualidade em *flanêur*, o jornalismo em quadrinhos se materializa em nossos próprios corpos como novas experiências que podem se tornar ricas diante daquilo que apreendemos.

O presente é um espaço que expressa o futuro, de forma que suas ações e relações produzem horizontes de modo que passados possam ser intensificados. É nesse sentido que o jornalismo em quadrinhos pode ser tomado como um campo de interpelação de ações cotidianas tangidas a partir de passados, presentes e futuros: tomado como uma textualidade animada pela Nona Arte, institui-se enquanto texto não acabado, pois continua emergindo de acordo com seu leitor, de modo que uma verdade poética, produzida pelas lógicas das narrativas jornalísticas de descrição do factual, promove articulações e rearticulações temporais de maneira constante e distinto de lógicas jornalísticas pautadas por uma verdade historiográfica positivista.

Referências

ABRIL, Gonzalo. Tres dimensiones del texto y de la cultura visual. *Revista Científica de Información y Comunicación*, Universidad Complutense de Madrid, v. 9, p. 15-35, 2012. Disponível em: http://institucional.us.es/revistas/comunicacion/9/art_1.pdf. Acesso em: 12 abr. 2023.

ANTUNES, Elton; MAFRA, Rennan; JÁUREGUI, Carlos. Mídia em trânsito, mídia em transe: textualização, epifania e distanciação. In: LEAL, Bruno; CARVALHO, Carlos Alberto; ALZAMORA, Geane (Org.). *Textualidades midiáticas* Belo Horizonte: PPGCom/UFMG, 2018. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/publicacao/textualidades-midiaticas>. Acesso em: 10 out. 2022.

BARRETOS, Dayane do Carmo. *O que resta ao corpo: disputas de sentido em textualidades sobre assassinatos de travestis e transexuais*. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/45647/1/Tese%20Dayane%20do%20Carmo%20Barretos.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2023.

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras Escolhidas, v. 2).

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo; Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, v. 3)

FARIA, Bruna; FALCO, Alessandra. Reportagem investigativa em quadrinhos: o caso da Agência Pública. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM JORNALISMO INVESTIGATIVO, 2º, São Paulo, 2015. São Paulo: Universidade Anhembi-Morumbi, 2015. Disponível em: https://projetos.abraji.org.br/seminario/PDF/2/alessandra_de_falco_bruna_de_faria.pdf. Acesso em: 21 abr. 2023.

FONTOURA, Igor Leal; KONDLATSCH, Rafael. A reportagem em quadrinhos como recurso jornalístico. *Movendo Ideias*, v. 26, n. 2, jul./dez. 2021. Disponível em: <http://revistas.unama.br/index.php/Movendo-Ideias/article/view/2562/1594>. Acesso em: 21 abr. 2023.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Os poderes da filologia: dinâmica do conhecimento textual*. Rio de Janeiro. Contraponto, 2021.

LEAL, Bruno Souza. Do texto à textualidade na comunicação: contornos de uma linha de investigação. In: LEAL, Bruno; CARVALHO, Carlos Alberto; ALZAMORA, Geane (Org.). *Textualidades midiáticas* Belo Horizonte: PPGCom/UFMG, 2018. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/publicacao/textualidades-midiaticas>. Acesso em: 10 out. 2022.

LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto. Aproximações à instabilidade temporal do contexto. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 24, n. 3, set./out./nov./dez. 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/27042>. Acesso em: 18 out. 2022.

MAIO, Alexandre de. *Raul*. São Paulo: Elefante, 2018.

MATOS, Olgária. Walter Benjamin, com Olgária Matos. *Filosofia Pop*, n. 098. Publicado em: 20 ago. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2MUXuiQDdX4&t=40s>. Acesso em: 07 abr. 2023.

MEDEIROS, Eduardo Luis Mathias; GOMES, Iuri Barbosa. Jornalismo em quadrinhos na Revista Fórum: nova prática jornalística no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9º, Ouro Preto, 2013. Ouro Preto, MG: Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia; Universidade Federal de Ouro Preto, 2013. Disponível em: <https://docplayer.com.br/61170946-Jornalismo-em-quadrinhos-na-revista-forum-nova-pratica-jornalistica-no-brasil-1.html>. Acesso em: 21 abr. 2023.

RANGEL, M. de M. História e stimmung a partir de Walter Benjamin: sobre algumas possibilidades ético-políticas da historiografia. *Cadernos Walter Benjamin*, v. 17, p. 1-12, 2016. Disponível em: http://www.gewebe.com.br/pdf/cad17/texto_10.pdf. Acesso em: 01 jul. 2022.

RANGEL, Marcelo de Mello. Ensino de História: temporalidade, pós-verdade e verdade poética. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/21751803ne2021e0001/13512>. Acesso em: 14 out. 2022.

SANÁBIO, Laura. *O jornalismo em quadrinhos no contexto da comunicação digital*. In: HQ WEEK, Juiz de Fora, 2020. *Anais*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2020. Disponível em: https://www.ufjf.br/midiadigital/files/2020/07/anais_hqweek_2020_laura_sanabio.pdf. Acesso em: 21 abr. 2023.

Submissão: 27.12.2022.

Aprovação: 08.05.2023.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional